TECNOLOGIA

Permitido copiar

É muito mais que uma grande borla. Começou nos programas de computador, já chegou às artes criativas e, simbolicamente, à receita secreta da Coca-Cola

AVA CORREIA MOUTINHO

Diz o povo que quem conta um conto acrescenta um ponto. Não fossem os direitos de autor e o mesmo se aplicaria à música, à pintura, às enciclopédias e, muito particularmente, aos programas de computador. A verdade é que, no caso da comunidade informática, o software livre – que se pode copiar, difundir e modificar livremente – está a conquistar programadores anônimos e gigantes do meio, multiplicando-se com a ajuda de uma ferramenta legal, o copyleft.

Desde os bancos da escola que nos ensinam que copiar é feio. O copyright [direitos de autor] de qualquer obra criativa é um valor assumido que, desde a imprensa de Gutenberg à Internet, tem enfrentado desafios cada vez mais audazes. Por princípio, os direitos de autor servem para proteger a obra da cópia ou adulteração, garantindo a sua autoria. Quando, em 1984, Richard Stallman resolveu construir um sistema informático aberto, potente e estável, com a ajuda de todos os programadores que quisessem contribuir, foi preciso contramar essa limitação. Nasceu o software livre e o copyleft, ou seja, a adição ao copyright (que nunca se perde) de termos de distribuição que permitem copiar, difundir e/ou modificar, de acordo com a vontade expressa do autor. Tal como a VISÃO decidiu fazer com este texto.

Copiar pode ser tão fácil como tirar uma fotocópia (um delito socialmente aceite, para desespero das editoras) ou, no meio digital, usar comandos simples para produzir uma cópia perfeita (levante o braço quem nunca piratou um ficheiro). O que faz o copyleft é definir o grau de liberdade da cópia, difusão ou mesmo modificação. Para quê? Para promover e aumentar esse conhecimento e, no caso do software, para criar programas imbatíveis que desafiem os melhores do mercado, como, por exemplo, o omnipresente Windows, da Microsoft.

Em Portugal, a comunidade do software livre tem muitos adeptos que justificam a recém-criada Associação Nacional de Software Livre (ANSEL). Jaime Villate, 42 anos, físico da Universidade do Porto e um dos fundadores ANSEL, compara a revelação do código-fonte dos programas de computador – o bilhete de identidade do programa, mantido secreto pelas companhias produtoras – à qualquer outro conhecimento científico: «Eu também não tenho propriedade intelectual sobre os meus teoremas.» Além dos códigos-fonte secretos, a atribuição de patentes é uma ameaça ainda maior e que, neste momento, gera discussão em toda a Europa (ver caixa Patentes à vista).

O segredo

Mas, atenção: software livre não é o mesmo que software grátis. A liberdade reside no conhecimento e acesso total ao programa original e versões, o que não quer dizer que não se possa ganhar a vida a...

Cola: faça você mesmo

Pode parecer apenas água misturada com caramelo, mas o conteúdo da garrafa mais curvilínea do mercado esconde um grande segredo da indústria alimentar. Por isso, o mito da Coca-Cola – o refrigerante mais conhecido do mundo – serviu de charama para a campanha de publicidade lançada, em 1998, a favor do software open source, nome comercialmente mais apelativo do que software livre. Claro que ninguém vai deixar de beber o produto original, mas em todo o caso a hipotética mistura de 60 aromas, açúcar, água e cafeína está disponivel na Internet em http://www.newsclerent.com/hottopics/copyleft/copyleftart.jsp, num artigo que a revista de divulgação científica New Scientist publicou em copyleft. Aliás, porque esta receita foi inicialmente publicada neste sistema, só pode ser reproduzida num trabalho que esteja também em copyleft. Juntamente com a receita, encontra-se uma lista de precauções a tomar e contratempos possíveis, que convidam à discussão da brincadeira, animada com a bebida do costume, bem fresquinha, no café da esquina.

104

VISÃO 9 de Maio de 2002
desenvolver este tipo de programas ou a prestar assistência pagas a programadores que o usem. "É um modelo de negócio diferente", esclarece Jaime Villate. "É como na educação, não se vende o conhecimento, mas a sua administração." Tampouco nenhum deles a ver com o Napster, que não era mais que um artilharia tecnológico para copiar fichas musicais à revelia dos direitos de autor.

Em 1998, coincidindo com a altura em que a Netscape libertou o código-fonte do seu famoso browser, foi orquestrada uma campanha de publicidade com vista à promoção do software livre. As manobras incluíram mesmo a publicação da suposta receita da Cola (ver caixa) e a comercialização da bebida, o primeiro produto material de consumo em copyleft.

Patentes à vista

Na Europa, ao contrário do que já acontece nos EUA e no Japão, ainda não se emitem patentes válidas sobre os programas de computador. Ainda, talvez porque no velho mundo haja maior pudor em patentear o conhecimento científico, talvez porque o mercado, nos EUA, seja mais competitivo. Mas é uma questão de tempo e o European Patent Office (EPO) já foi arrependendo caminho, ao atribuir cerca de 30 mil patentes a regras de cálculo e organizações utilizáveis em computador. "O futuro é assustador", garante João Miguel Neves, membro da Associação Nacional de Software Livre. "Há uma proposta na Comissão Europeia, apoiada pelo EPO e um grupo de empresas que é preciso travar."

Alguns dos exemplos destas patentes são mesmo caricatos (disponíveis em http://swpat.ffii.org/), como a daquela invenção da Sun Microsystems destinada a aborrecer a Microsoft e que lhe dá o controlo sobre a conversão de nomes de ficheiros entre o Windows95 e o NT. "Se isso fosse diferente, e tivessem patenteado acordes musicais", explica João Miguel Neves, "como se fosse diferente compor uma sinfonia legal e uma boPixif".

Há quem diga que o software livre ganhou em qualidade, quando comparado com o software de proprietário. Manuel Cerqueira, presidente da Associação Portuguesa de Software (ASSCGFT), acha que a crítica é injusta, já que "antes de libertar um programa, as grandes firmas, como a Microsoft, distribuem versões beta que são testadas e corrigidas". Nos computadores da ASSCGFT, o GNU/Linux já foi testado e as principais objeções de Manuel Cerqueira vão para os aspectos da segurança e compatibilidade: "Será que os promotores do software livre podem monitorizar a segurança dos seus sistemas, de modo a evitarem os ataques de hackers ou de vírus? É este o risco que os clientes têm de medir, assim como se descomer outras aplicações em cima do software livre." De resto, Manuel Cerqueira acredita que, "após uma depuração inicial, o mercado destes programas vai aumentar". Jaime Villate consegue este clima de desconfiança que envolve o software livre e, por isso, uma das prioridades da ANSOL é "informar a classe política para introduzir a sua utilização na administração pública, como já acontece em França e na Alemanha".

Linux em Hollywood

O exemplo mais mediático do software livre é o GNU/Linux, um sistema operativo que compete com o Windows da Microsoft. Com pouco mais de dez anos, desde que o estudante finlandês Linus Torvalds produziu o núcleo deste sistema, o GNU/Linux já provou a sua competência em vários milhões de computadores pessoais, primeiro dos entusiastas informáticos e agora nos próprios servidores da IBM.

Este ano, o GNU/Linux acaba de ganhar outro Oscar (já tinha tido um pequeno papel em Titanic, partilhado com os filmes Shrek, de animação, e O Senhor dos Anéis, porque ambos utilizaram os computadores responsáveis pelos efeitos especiais, com reconhecida competência e redução de custos."

Quem sabe se, entretanto, o copyleft ajudará a criar vencedores novas categorias, como a banda sonora ou mesmo o guião original? Com efeito, qualquer trabalho que seja reconhecido pela lei do copyright pode ser alvo destas licenças de distribuição especiais, já existindo versões destinadas ao áudio e aos documentos.

Disponível na Internet está uma enciclopédia construída em copyleft, a Wikipedia (www.wikipedia.com) e a discussão continua aberta no meio artístico acerca do uso criativo da obra de arte. Afinal, já Andy Warhol utilizou, nas suas criações, ícones bem conhecidos e ainda assim toda a gente reconhece o rato Mickey e a Mona Lisa originais.